

SUBJETIVIDADES EM MOVIMENTO NO MPBIXA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Jose Edielson Santos de Jesus²⁴

Resumo: O estudo busca investigar o movimento MPBixa, também conhecido como movimento transviado, MPBTrans e MPBeau, que surge como uma nova forma de se fazer a Música Popular Brasileira, constituído por artistas da comunidade LGBTQIA+ em diferentes gêneros musicais e que desconstrói concepções de corpos, gêneros e sexualidades. Em torno da investigação de base qualitativa, textos de autores que apresentam questionamentos sobre gêneros e sexualidades estão no corpus analítico do estudo, como Paul B. Preciado (2017), Guacira Lopes Louro (2015), Berenice Bento(2014), Judith Butler (2015), Michel Foucault (2013), Monique Witting (1980), dentre tantos outros que vêm produzindo materiais filosóficos, educacionais e culturais extremamente relevantes. Sendo assim, buscar-se-á performances de corpos, subjetividades, identidades sexuais e de gênero no cenário musical contemporâneo do MPBixa, com foco nas produções das artistas Alice Guél, Jup do Bairro e Linn da Quebrada no intuito de analisar a atuação dos corpos que encenam e as letras das canções que contribuem com as diversas linguagens que produzem e tornam possíveis. Portanto, O ativismo estudado aqui poderá tensionar os limites do considerado natural e abrir

²⁴ Graduado em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Endereço eletrônico: ediuneb@outlook.com
Orientador Prof. Dr. Paulo Cesar Garcia.

espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade e novas posições e possibilidades de utilização do corpo.

Palavras-chave: Linguagem. MPBixa. Performance. Queer. Subjetividades.

INTRODUÇÃO

No campo das artes, as performances podem ser caracterizadas como manifestações artísticas de diferentes segmentos, musicais (concerto e recital) e teatrais (teatro musical, dança moderna, ballet, operetta, ópera e teatro). Segundo Zumthor(1997), a performance inclui o texto e suas circunstâncias(tempo, espaço e lugar), o corpo e a voz; é o texto em presença e a forma energética e teatralizante da linguagem. Esse estudo, com a abordagem referente à performance de gênero e performance artística, visou às subjetividades transformistas e transgêneras, que podem ser visualizadas na forma de expressão das artistas Alice Guél, Jup do Bairro e Linn da Quebrada. O protesto que a arte performática das cantoras provoca, de acordo com o que objetiva o projeto, vai muito além de suas músicas, visto que as encenações das intérpretes configuram, também, um ato político. Assim projetado, trata-se de manifestar linguagens do gênero musical e das letras das composições que estão imbuídas de pôr em cena corpos que acenam posição de subjetividades fluídas e com as quais operam lugares de discursos que falam das identidades LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexos, Assexuais.

Assim, o projeto proporciona estudar o movimento MPBixa – também conhecido como movimento transviado, MPBTrans e MPBeau – que surge como uma nova forma de se fazer a Música Popular Brasileira, sendo integrado por artistas da comunidade LGBTQIA+ que compõem em diferentes estilos musicais, visando

aos corpos, gêneros e sexualidades. O modo como as intérpretes se expressam tem uma postura crítica que objetiva revisitar os paradigmas sociais e culturais da heteronormatividade, buscando reflexões de si, de pessoas que constroem formas diferenciáveis de existir e rompem um ciclo vicioso e histórico que estrutura o campo do sentido binário. A partir do cenário musical que as artistas mostram, a construção de gênero flui, desfaz referenciais que não importam para o significado de corpos, de identidades, de expressar diferentes formas de existências. Alice Guél, Linn da Quebrada e Jup do Bairro oferecem maneiras de repensar sujeitos por meio das letras das canções e pelas performances de corpos; operam a descolonização de saberes, quando o centro é perturbado pelas linguagens que constituem na formação artística.

A pesquisa tem como base o eixo qualitativo, de caráter bibliográfico e foi apoiada em um corpus constituído pelas performances de artistas em composições do movimento do MPBixa, apresentado pela Alice Guél, Linn da Quebrada e Jup do Bairro. A questão a que se detém o processo analítico é o texto da composição e cenas das artistas, além das performances artísticas que elas produzem, a exemplo de expor e atuar os corpos. Por isso, será levado em consideração vídeos²⁵ que expressam os corpos das artísticas em cenas musicais.

Em torno da investigação de base qualitativa, textos de autores que apresentam questionamentos sobre gêneros e sexualidades estarão no corpus analítico do estudo, visando o

desenvolvimento do trabalho que buscou fundamentos dos discursos que visam às identidades e subjetividades transvestigênêras e gays transviadas. A imagem teatral domina o meu foco de interesse e, conforme Foucault (2013, p. 24), “o teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranhos”. Daí que “[...] tatuar-se, maquiarse, usar máscaras, é, sem dúvida, algo muito diferente; é fazer entrar o corpo em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis”, diz Foucault (2013, p. 41).

Posto isso, a proposta do trabalho é pensar na noção de uma identidade não fixa. Ao pensar nessa noção, metodologias fluidas e mais complexas são essenciais para que a análise dos dados coletados não seja realizada de maneira superficial. Recorro, desse modo a perspectiva rizomática que, no pensamento de Deleuze e Guattari(1995), consiste numa “ruptura de escala” de análise da realidade, na qual deixamos de percebê-la como pura unidade, seja no sujeito ou no objeto.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Segundo Deleuze e Guattari em Mil Platôs(1995), “A lei do livro é a reflexão”. Estendo isso para as artes, mais especificamente para a música. A forma, o ritmo, o significado e significantes são importantes na construção estética e melódica de uma canção, mas todos esses fatores trabalham em função da reflexão que essa arte traz. Os discursos trazidos pelo MPBixa fazem parte de um sistema complexo de relações e sistematicidades sociais, políticas, culturais e econômicas. É impossível buscar um início ou almejar um fim. Desse modo, é muito mais produtivo buscar compreender como essas relações se dão dentro de um sistema rizomático, ao invés de pensá-las de um modo arbóreo/fixo. É, portanto, trazer à tona a ideia dos

movimentos e dos trânsitos, sempre interagindo com os itinerários, mas nunca estando fechado em conceito.

Tentar levar uma pesquisa acadêmica para esse ponto é transgredir as regras que pautam a ciência estruturalista e pós-estruturalista. Pensar no mundo enquanto estruturas fixas é desconsiderar o poder de transformação e de deslocamento. Georg Lukács(2003) em *O que é marxismo ortodoxo*, traz, entre outras tantas coisas, que a dialética marxista é revolucionária, pois as suas teses se baseiam na transformação da realidade como função central. Essa dialética se faz importante a partir do momento que ajuda a entender a realidade sem que seja determinista. Existem aberturas. A *práxis* contida vai da realidade para o pensamento e não no sentido contrário. É necessário entender a totalidade para que possamos buscar quais elementos a constitui. Desse modo, é necessário trazer a negação, a contradição para que se chegue a um lugar mais elucidativo na pesquisa.

Ao falar sobre essas cenas musicais que ascendem na contemporaneidade julgo importante fazer referência a alguns movimentos anteriores (a exemplo do tropicalismo e do teatro de revista estrelado por artistas travestis) que derrubaram algumas portas para que o pensar e o fazer artista²⁶ fosse possível como o vemos hoje. Ir de encontro com essa historicidade é entender que o SER humano se constitui historicamente, assim como nos aponta Heidegger(2005). Não dá para desconsiderar o contexto no qual os seres produtores desses discursos não-hegemônicos do movimento MPBixa se constituíram.

²⁶ **Artivismo** é um neologismo conceptual e faz referência a união entre arte e ativismo. Os **artivistas** usam a arte para se posicionar sobre temas sociais e políticos

Os estudos queer, que tem como principal expoente a filósofa Judith Butler, subverte completamente todas as normas hegemônicas de gênero. Nesse sentido, o termo queer surge como insulto à corpos que se distanciam de um padrão social, operando uma prática linguística de inferioridade. Segundo Butler “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). A resignificação semântica do termo nos estudos contemporâneos de gêneros e sexualidades já indicam o caráter inovador desse movimento.

Ainda com relação aos estudos Queer, Berenice Bento(2014) diz que faz mais sentido denominá-lo em território brasileiro de Estudos Transviados²⁷. Segundo ela, “Ser um transviado no Brasil pode ser uma “bicha louca”, “um viado”, “uma travesti”, “um traveco”, um sapatão.” (BENTO, 2014, p.42). Desse modo, o termo transviado se contextualiza com a nossa realidade e peculiaridades. Comporta, portanto, discursos dos corpos dissidentes que desnaturalizam as identidades genitalizadas onde Mulher/Vagina e Homem/Pênis seriam as expressões legítimas e normais das feminilidades e masculinidades. O que Bento faz com o conceito de Queer, é muito parecido com o que Silviano Santiago fez, em 1978, ao lançar a obra *Uma literatura nos trópicos* apontando para um saber produzido em território nacional que tem muito a contribuir com o que está sendo produzido por outros pensadores no Ocidente.

Artistas transviados que surgiram e resistiram em épocas sombrias do nosso país, como por exemplo na ditadura,

²⁷ Opto por adotar essa terminologia para me referir aos estudos Queer no decorrer do trabalho.

enfrentaram inúmeros empecilhos para poder exercer masculinidades e feminilidades que iam além do que o tradicionalismo permitia. A forma como esses artistas se vestiam, compunham e interpretavam nos palcos foi, certamente, uma ruptura a tudo o que era posto até então. Resquícios desse comportamento rebelde e transgressor continuam até os dias atuais e ganham novas peles e formas.

Um dos exemplos que podem ser citados é a música de Linn da Quebrada, *Mulher*²⁸. Nesta canção Linn descreve sobre a situação periférica de mulheres trans e travestis. Parafrazeando *Da maior importância*²⁹, música composta por Caetano Veloso e interpretada por Gal Costa no álbum Índia de 1973, Da Quebrada no verso “Uma mulher é sempre uma mulher?” coloca um ponto de interrogação questionando o que, até então, era uma afirmação bastante enfática na canção dos tropicalistas.

Concomitantemente, personalidades como Rogéria, Jane Di Castro, Marquesa, Eloína dos Leopardos, Divina Valéria, Camille K, Fujika de Holliday e Brigitte de Búzios faziam muito sucesso nos palcos de teatros. Todas elas transvestidas de mulheres, traziam para o cenário artístico da época muito glamour e um tom cômico que ganharam fãs por todo o Brasil e, principalmente, a elite carioca. A diversidade artística, poética e política presente no MPBixa é um reflexo de todos esses momentos históricos que possibilitaram aos artistas contemporâneos um campo de atuação mais vasto e culturalmente mais dinâmico.

²⁸. Disponível em:
<https://open.spotify.com/album/0vFncbf40Go3GXJ9DQX3Ky?si=pTYQRZOzTCSpLKHrvrLLkA>

²⁹. Disponível em:
<https://open.spotify.com/track/02Gj59D61859A0wQvSRqnR?si=74ca2ccca727408d>

O MPBIXA E SUAS SUBVERSÕES

Alice Guél é travesti, preta, artista, nascida em 1995 na periferia de Indaiatuba (Interior de SP). Tendo como segmento musical o Rap, Guél lançou em 2017 seu primeiro EP intitulado “Alice no país que mais mata travestis” definido por ela mesma, em entrevista cedida ao blog de Fábio Nunes, como “Um grito que nasceu com necessidade de abordar a demanda das realidades de pessoas que normalmente não ocupam os espaços midiáticos sendo não mais objeto mas sujeito, protagonista, da sua própria realidade e história. ” Logo na primeira música do EP, Guél Já desenha o cenário atual “dominado” pelo sistema heteronormativo descrevendo homens que “*não demonstram afeto, abortam feto*” e manda um recado direto ao dizer que as *travas* vão se juntar e as coisas vão mudar.

Ainda nesse trabalho, podemos conferir uma das músicas mais emblemáticas do álbum e – quiçá - da carreira da artista: *Deus é travesti*. A música inicia com uma versão bem particular de Alice que coloca a identidade travesti no lugar de uma santidade na tão conhecida reza cristã “Pai nosso”:

Travesti nossa que estais no céu
Santificado seja o nosso nome
Alice, Cecília, Eloá, Érika, Olga, Amara, Ela, Ametista, Alicia
Seja feita a vontade das vadias
Assim na Terra como em qualquer outra esquina
(GUÉL, 2017)

Na sequência ela celebra e clama por identidades que querem e podem existir:

Pela Deusa Travesti
A deusa dos corpos que querem resistir
Deus é travesti
A deusa dos corpos que querem existir”
(GUEL, 2017)

É possível perceber o quanto a música subverte e questiona as normas hegemônicas ao fazer uso dessa linguagem metafórica afirmando que Deus (ente infinito, eterno e criador de todas as coisas segundo algumas religiões) é travesti. Tal afirmação pode (e deve) causar algum incômodo a ouvintes um pouco mais conservadores e de cunho machista heteronormativa, mas podemos perceber o quanto essa ousadia provoca e nos leva a um pensamento crítico do porquê essas identidades trans e travestis são demonizadas e não santificadas. De acordo com Guacira Lopes Louro “Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações” (LOURO, 2008).

Guél lança mais um álbum em 2019 intitulado “*Alice através do espelho*” e, em meio a letras tão provocantes e emblemáticas quanto as do seu primeiro trabalho, ela também celebra o templo que é o seu corpo. Na música Reflexões temos.

Mas agora é a minha vez
Minha plenitude
Minha atitude, o meu jeito, os meus trejeitos
A minha neca, os meus dedos, a minha boca
Agora é a minha vez, a minha volta
A minha voz, o meu refúgio
O meu templo, agora é o meu tempo
(GUEL, 2019)

É nítido o quanto essa letra tem a ver com a forma como Alice se veste e se porta em suas aparições públicas. Cabelos em constante mudança, corpo magro e sempre a mostra por conta de seus looks provocantes, piercings e tatuagens cobrem sua pele formando um conjunto particular e provocativo materializando os discursos que suas músicas carregam. Alice, assim como as outras artistas que aparecerão aqui, representam muito bem esse grito de liberdade que o mundo tanto carece. Ao definir as vivências

que aparecem representadas em suas músicas, a artista usa o termo *transvestigenera* para se referir a identidade de gênero de transexuais, travestis e pessoas não-binárias, contribuindo para a construção de um vocabulário menos excludente e mais inclusivo.

Nascida na periferia de São Paulo, no dia 21 de janeiro de 1993, Jup do Bairro é cantora, compositora, apresentadora e tomou projeção musical a partir da sua parceria com a também artista, e amiga, Linn da Quebrada. Seu primeiro single “Corpo sem juízo” foi lançado no ano de 2019 e tem como participação especial uma introdução feita pela renomada escritora brasileira Conceição Evaristo. Um ano depois, Jup lançou seu primeiro EP autoral com o mesmo título do seu single inaugural. Por meio de uma estética audiovisual cuja própria artista nomeia de “cyber guetto”, do Bairro traz uma escrita visceral e faz com que seus trabalhos sejam marcados pela potência política, visto que se trata de letras próprias que expõem suas vivências enquanto bixa, travesti, gorda e periférica.

“Me deixa voar” é o que pede Jup do Bairro no verso enfatizado na música *Transgressão* que abre o seu disco, e é assim que ela segue em todo o seu EP. Formatado em estúdio sob direção musical de BadSista, produtora que também dá forma aos discos de *Linn da Quebrada*, o disco *Corpo sem juízo* apresenta uma artista bem diferente do que temos no mercado fonológico no Brasil. Com uma voz grave e uma aparência nada convencional, do Bairro quebra todos os padrões ao assumir uma imagem que combina unhas grandes e afiadas, cabelos longos trançados, um corpo gordo e roupas que, na maioria das vezes, não conseguimos definir enquanto femininas ou masculinas de acordo com o que define a sociedade binária. É sabido que quando ela pede que a deixem voar é um prenúncio do grande voo que é esse álbum.

Na música “O que pode um corpo sem juízo”, presente no seu álbum de mesmo nome, Jup coloca:

Não somos definidos pela natureza assim que nascemos /
Mas pela cultura que criamos e somos criados /
Sexualidade e gênero são campos abertos de nossas
personalidades / E preenchemos conforme absorvemos
elementos do mundo ao redor / Nos tornamos mulheres
ou homens, não nascemos nada / Talvez nem humanos
nascemos. (DO BAIRRO, 2019)

Desse modo, podemos perceber a forma como a artista pensa nas identidades enquanto fluidas, bem como Stuart Hall quando afirma que “[...] identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (2003. P.21).

A letra de “*Pelo amor de Deize*”, parceria com a Funkeira Deize Tigrona, soa como um empurrão motivacional sobre achar forças para vencer os obstáculos. Podendo ser entendida e sentida como um despertar, conta com um áudio real trocado entre as duas, marcado pela vulnerabilidade:

Mas Deize, seguinte ó, passando a visão real pra ti
Meu, quando precisar, qualquer coisa, qualquer coisa
Eh, me dá um toque, me avisa entendeu?
Não passa por esse verão sozinha
Se eu não puder te ajudar, eu arrumo alguém
Que possa te ajudar, entendeu?
Não tem terror, mas não fica passando
Por essa situação sozinha!
(DO BAIRRO, 2019)

É uma música honesta, de fácil identificação e que traz esperança com a repetição do trecho “Levanta dessa cama pelo amor de Deize” como um grito de incentivo.

Na música “*O corre*” Jup fala dos perrengues de um corpo dissidente em formação em espaços como a escola e o seio familiar transitando do dramático para o cômico de maneira bem fluida, é o que podemos perceber no trecho:

Na escola, pensei que era meu momento / Mas foi só Dó,
Ré, Mi Fá, só o lamento / E eu era CDF, sentava lá na
frente/ Era bichinha e era crente, se entende? / Mas já
cancelava toda a situação / Se eu moscasse ia me fuder na
mão dos leke ou da direção / Amorzinho de todas as
merendeira / Bateu o sinal, vou pro meu castelo de
madeira / Na saída já sacava um Halls / Dar uns beijinho no
escadão, hum nada mal / Com as meninas era mais legal /
Pois eu sempre ficava com brilho labial. (DO BAIRRO, 2020)

Em “All you need is love”, temos uma parceria com Rico Dalasam – bicha preta, não binária e integrante do MPBixa – e a sua parceira de vida e carreira Linn da Quebrada. A faixa, que é a primeira colaboração do trio, fala abertamente sobre desejo e sobre querer ser percebida além de um corpo objetificado. Como bem aponta Amara Moira “Não é fácil ser travesti em ponto algum, mas talvez ainda mais no amor e ainda mais se você só gostar de homem cis” (MOIRA, 2018). Quando pensamos nos pontos que atravessam vivências marginais de corpos pretos e gordos no amor, podemos perceber como essas corpos são ainda menos considerados como opções para o amor e o afeto.

Causando tensionamentos e quebrando tabus com seu estilo mordaz e sarcástico, Linn da Quebrada é uma das artistas mais relevantes da atualidade. Nascida no interior de São Paulo, Linn vem ganhando cada vez mais notoriedade no cenário artístico. Além do seu mais famoso álbum *Pajubá*, da Quebrada já lançou vários singles, parcerias musicais com outras artistas, álbuns de remix e o documentário “*Bixa travesti*” que ganhou o prêmio de Melhor documentário estrangeiro em Berlim. Além das obras já citadas, Linn da Quebrada apresenta o programa de entrevistas “Transmissão” no canal Brasil ao lado de Jup do

Bairro³⁰ e ganhou ainda mais projeção nacional ao atuar na série da Tv Globo “*Segunda Chamada*”.

Seu disco de estreia o “*Pajubá*” é uma combinação perfeita de humor e crítica social, a começar pelo seu título. O pajubá é conhecido comumente como uma “língua” utilizada pela comunidade LGBTQIA+. Carlos Henrique Lucas Lima em seu livro “*Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*” expande esse conceito tratando o pajubá enquanto um “repertório vocabular e performático LGBTQIA+” (LIMA, 2017) e o define enquanto “[...] um procedimento performativo no campo dos sentidos que com tão-somente um conjunto de palavras e expressões. Daí, portanto, o emprego do conceito de “linguagens” e não língua ou gíria pajubá.” (LIMA, 2017, pág. 21).

Na música “Muito(+) talento”, faixa que abre o álbum *Pajubá*, a artista celebra corpos efeminados que se recusam a ocupar um espaço de submissão e do objeto de prazer do homem-macho-falocêntrico:

Não adianta pedir / Que eu não vou te chupar escondida
no banheiro / Você sabe sou muito gulosa / Não quero só
pica / Quero corpo inteiro / Nem vem com esse papo /
Feminina tu não come? / Quem disse que linda assim / Vou
querer dar meu cu pra homem? / Ainda mais da sua laia /
De raça tão específica / Que acha que pode tudo / Na força
de Deus e na glória da pica. (DA QUEBRADA, 2017)

Essa prática subversiva de identidade sexual é explorada pelo filósofo francês Paul B. Preciado em seus estudos e ainda

³⁰. Os programas estão disponíveis no canal do Youtube no link: <https://www.youtube.com/user/canalbrasiltv>

mais discutido no seu livro “Manifesto Contrassexual” (PRECIADO, 2017). Se auto-afirmando enquanto gênero fluido, Paul é um dos nomes mais influentes no que se refere aos estudos transviados e propõe justamente a quebra desse “lugar sagrado” ocupado pelo falo dentro das relações sexuais.

No decorrer do disco, ela reafirma esses lugares de desconstrução do lugar “sagrado” que o falo ocupa nas relações sexuais e quebra estruturas montadas não apenas do homem cis padrão, como também das relações homoafetivas, escancarando, desse modo, como essas convenções sociais atingem a todas e todos. Na faixa “*Coytada*” pode-se perceber isso claramente pelo discurso direcionado à comunidade LGBTQIA+: “Sua bixinha safada/ (Tu vai morrer na punheta) / Você só quer dar pras gay bombada/ (Tu vai morrer na punheta) / E eu sou muito afeminada.” (DA QUEBRADA, 2017)

A partir de letras, como essa, é possível repensar nas formas como nos relacionamos e procuramos por parceiros sexuais. Mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+ as bichas efeminadas são preteridas e colocadas à margem. Segundo Júlio Assis Simões (2009): “Não inventamos sozinhos nossas fantasias sexuais, nem nossa repressão sexual. As representações sobre a sexualidade nos revelam o que a sexualidade humana é e como ela deveria ser” (SIMÕES, 2009, p. 153). Simões ainda argumenta que a sexualidade é um tema público, social e político por excelência sendo “uma produção histórica e cultural, aberta à mudança, à variação, ao inesperado” (SIMÕES, 2009, p. 190).

No seu último lançamento, o disco *Trava Línguas*, da Quebrada traz mais um repertório cheio de verdades urgentes e desconstruções latentes fazendo das palavras uma alquimia perfeita carregada de muito significado. Aliás, o jogo com as palavras é um dos pontos mais fortes da artista. O que mais fica evidente nesse novo trabalho da artista são seus vários questionamentos em confronto consigo mesma. Na música

Medrosa, Linn expõe algumas fragilidades nos versos: “Eu sou muito medrosa / Cínica / Covarde / Sonsa / Injusta / Eu não sei fazer justiça / Não sei como faz justiça”.

Já na faixa “*Quem soul eu*”, que fecha o disco, a artista, um pouco mais incisiva, revela versos que transcendem alguns conceitos sociais e de credo. Mostrando como suas reflexões durante o disco resultaram em algo forte, poderoso, mas não acabado: “Feitiço / Canção / Quem sou eu? / Mal-dição / Muito prazer, a nova Eva / Filha das travas, obra das trevas / Não comi do fruto do que é bom e do que é mal / Eu quebrei / A costela de adão” (DA QUEBRADA, 2021).

Fica patente em toda a obra de Linn da Quebrada, assim como nos trabalhos de Jup do Bairro e Alice Guél, suas posições ao que se refere a gêneros e sexualidades, muitas vezes com pontos convergentes aos estudos Queer, que, segundo Berenice Bento (BENTO, 2014) :

[...] se originam em torno de alguns eixos: 1- desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2- ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3- a permanente problematização das binariedades; 4- prioridade à dimensão da agência humana; 5- crítica ao binarismo de gênero (masculino versus feminino) e sexual (heterossexual versus homossexual).” (BENTO, 2014)

MAIS INTERROGAÇÕES DO QUE PONTOS FINAIS

Quando se evoca para o debate escritas e performances de artistas trans e travestis brasileiras, é possível discutir não apenas questões a respeito de gêneros e sexualidades, mas evidenciar os seus posicionamentos a respeito das mais variadas questões sociais. Assim como a crítica cultural propõe, ecoa-se discursos

que vêm das margens para que se revele o que ainda não foi ouvido ou até mesmo contado. Ressaltar essas posições advindas de produções artísticas faz com que entendamos fenômenos sociais, culturais e econômicos sob uma nova ótica. A ótica de pessoas que foram historicamente, por meios científicos tradicionais, silenciadas e desconsideradas. Colocadas na jaula da desumanização e ceifadas de quaisquer direitos. A situação atual na qual se encontra o Brasil, por exemplo, com a crescente onda de posicionamentos conservadores não se deu por acaso. Após anos de crescimentos significativos no que se refere às questões sociais, é perceptível a regressão pela qual estamos passando. Voltar os olhos para essas narrativas que foram pouco(ou nada) consideradas pode ser um fator importante para que criemos novas perspectivas e, conseqüentemente, novas estratégias de combate.

Estudar as produções dessas artistas – e de tantas/os outras/os que emergem em plataformas digitais e midiáticas na contemporaneidade – é uma maneira bem interessante de buscar compreender novas estéticas, existências e linguagens que transcendem o rigoroso e elitista sistema heteronormativo. Quando artistas como Alice Guél, Jup do Bairro e Linn da Quebrada questionam e confrontam (através de suas músicas e performances) esse sistema heteronormativo, elas desconstruem, justamente, essa naturalização das sexualidades. Elas não só discursam saberes que permeiam os estudos *Transviados*, como também apresentam saberes corporificados. Suas falas, assim como seu canto, são não-essencializados pois vão muito além de suas apresentações. Podemos ver, ler, ouvir. E, nesse sentido, temos um paradoxo: esses corpos são políticos, no entanto, não são públicos. Não temos direitos sobre eles, pois são corpos livres e em constante transição. Inacabados! O ativismo estudado aqui tensiona os limites do considerado natural e abre espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade e novas posições e possibilidades de utilização do

corpo. Corpo este que não se limita e que traz consigo muito mais interrogações do que pontos finais.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. *Queer o que? Ativismo e estudos transviados*. In: *Revista Cult-Dossiê teoria Queer: o gênero sexual em discussão*. Ano 17, agosto de 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLIS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo. Paz e Terra. 1999.

COLLING, Leandro. *A igualdade não faz o meu gênero em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405- 427, jul.-dez, 2013.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contratempo: 1997.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. IN: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico / As heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 1ª edição, São Paulo: N-1 edições, 2013.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 151-172.

LOURO, Guacira Lopes. *Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. Teoria e Educação*. Porto Alegre, n-6, p. 53-67, 1992.

LUKÁCS, George. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ZUMTHOR, Paul. A Performance. In: *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.

Witting, Monique. *O pensamento hétero*. IN: <http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempre-viva.witting.html>